

1512/93  
OP 17/09/93

MEMO 5/Nº/93

Em, 16/09/93.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	10, 11, 97
cod.	NAD 00/33

De: Servidora MARIA DO CARMO ROCHA DOS SANTOS - Atendente de Enfermagem

Para: Sr. Administrador Regional de Vilhena/Substituto

Em atenção às determinações contidas na PA Nº 014/ADR-VLI/93, data de 14/09/93, gostaria de solicitar de V.Sª uma melhor análise do assunto, reconsiderando sua decisão quanto à minha lotação naquele PIN e ainda, da designação para substituir o Chefe do PIN SARARÉ, pelos seguintes motivos:

Com a concordância dos Índios Sararé em relação à venda de madeira bem como sua adesão com os Índios da Associação da cidade de Comodoro/MT, a Reserva Indígena dos Sararé foi totalmente invadida por madeireiros, com o acompanhamento dos Índios Nambikwara, como o titular da Chefia do Posto encontra-se em Vilhena já há muito tempo sem poder se deslocar para a Área, por estar correndo risco de vida, conforme é sua alegação, fiquei sozinho no PIN.

Atendendo solicitação de V.Sª desloquei-me a esta ADR, onde elaborei um relatório detalhado sobre a situação na Área, citando inclusive a atuação de elementos brancos (pistoleiros), junto com Índios da Associação.

Conforme V.Sª informou-me, o Índio Donald (Presidente da Associação) juntamente com outros Índios estava nesta ADR no final de semana, onde após ser precionado, V.Sª confirmou a existência e entregou a eles uma cópia de meu relatório, o que logicamente já chegou às mãos dos brancos que encabeçam a Associação, passando a representar incalculável risco para minha segurança na área, já que a informação de outros Índios é de que Carlusau Nambikwara juntamente com o pistoleiro Flávio Torelli, assumiram a assistência aos Índios Sararé daquela PIN, permanecendo direto na área.

Face o exposto solicito de V.Sª autorização para que permaneça prestando meus serviços na Casa do Índio, temporariamente, até que se tomem medidas visando solucionar o problema na Área, oferecendo um mínimo de segurança para que possamos desempenhar nossas funções.

Atenciosamente,

*Maria do Carmo Rocha dos Santos*  
MARIA DO CARMO ROCHA DOS SANTOS  
Atendente de Enfermagem

MEMO S/Nº/93

Em, 16/09/93.

De: Servidora MARIA DO CARMO ROCHA DOS SANTOS - Atendente de Enfermagem

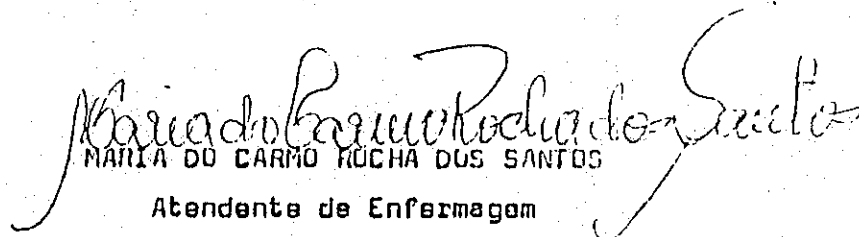
Ao: Sr. Diretor da D A S / Sede/Bab

Senhor Diretor,

Tomo a liberdade de dirigir-me a V.Sª, tendo em vista as proporções que alcançou a situação de minha permanência no PIN SARARÉ, subordinado à ADR de Vilhena, Na oportunidade, encaminho cópia do MEMO S/Nº de 16/09/93, dirigido ao Sr. Administrador Regional Substituto, onde exponho os motivos pelos quais sinto-me impossibilitada de retornar àquele PIN.

Com isto, solicito a análise de V.Sª com relação ao assunto já que a entrega do meu relatório aos próprios acusados, por parte do Administrador Substituto, agravou mais ainda minha situação, pelo que sugiro a V.Sª, verificar inclusive, a possibilidade de minha transferência sem ônus para a FUNAI, para a ADR de Porto Velho/RO, onde possuo inclusive meus familiares e estarei distante da área de atuação da Associação de cidade de Comodoro/MT.

Atenciosamente,

  
MARIA DO CARMO ROCHA DOS SANTOS  
Atendente de Enfermagem

MEMO NR 008/PIN SARARÉ/93

Em, 01/09/93.

De: Servidora MARIA DO CARMO ROCHA DOS SANTOS - Aux. Enfermagem

Para: Sr. Administrador Regional Substituto - ADR-Vilhena

Senhor Administrador,

Conforme informações prestadas via rádio, que somente não foram oficializadas por não contarmos com Chefe de Posto nesta área e ainda, tais informações via radiograma serem captadas por todos os Postos da Região, inclusive até mesmo por madeireiros, desloquei-me a esta Sede, onde passo a relatar a V.Sª, os últimos acontecimentos verificados nesta Reserva Indígena do Sararé.

Que os Índios desta Comunidade, acataram a negociação para a exploração de madeira com madeireiros da Cidade de Pontes e Lacerda/MT, sendo um deles conhecido por "MAGAL" e pequenos posseiros vizinhos à Reserva Indígena, liderados pelo Sr. Geraldo e seus filhos, recebendo para tanto, mantimentos, aparelhos sonoros (rádios) e um veículo toyota usado. Os próprios Índios e madeireiros disseram que o missionário Henrique, da cidade de Pontes e Lacerda, que há muitos anos tem contato com os Índios, foi intermediário nas negociações para venda de madeira, tendo recebido para isso, dinheiro dos madeireiros, segundo informações dos Índios. Ainda segundo o que pudemos colher de informações na região, o referido missionário tem muito relacionamento com o madeireiro conhecido como "DÉDA", da cidade de Nova Lacerda/MT, o qual a muito tempo vem roubando madeira e explorando a Reserva na região denominada Piscina.

No decorrer desses dias os Índios que fazem parte da Associação de Comodoro, ao saberem das negociações feitas pelos Índios Sararé, vieram até o PIN SARARÉ, efetuando ameaças aos Índios Sararé, por não estarem passando a eles dinheiro no negócio. É muito importante salientar que estes Índios da Associação estão sendo acompanhados por 02 pistoleiros fortemente armados que dizem fazer parte da referida Associação, mesmo não sendo Índios, de nomes FLÁVIO e JAIR, os quais são patrocinados por madeireiros da Cidade de Comodoro/MT, que fazem pressão armados, orientam os Índios Nambikwara e participam das ameaças aos Índios Sararé para dar participação em dinheiro a eles. Os Índios da Associação

acompanhados dos citados pistoleiros, chegaram a dizer dentro da própria aldeia no PIN SARARÉ, que se eles não aderissem, voltariam e iriam bater em todos os índios.

Pude presenciar ainda, uma conversa entre os índios Domingos e Roberto Sararé, com relação à exploração de meninas índias, que seriam cedidas aos peões dos madeireiros que trabalhavam no mato, em troca de dinheiro. Na oportunidade falei a eles que iria comunicar a FUNAI os citados índios mandaram que eu ficasse quieta senão elas iriam ficar muito bravos. Quando fui ao local onde os índios estavam acampados junto com os peões, não encontrei 03 (três) meninas de idade aproximadamente de 11 a 13 anos, sendo uma delas filha do próprio índio Domingos. Tendo perguntado aos índios onde estavam elas, ao que responderam que estavam passeando, porém não pude confirmar se houve relação entre as meninas e os peões. Na mesma oportunidade, foram apreendidos 03 (três) caminhões carregados com toras, pertencente a um madeireiro conhecido por "Baixinho", que não havia feito qualquer acerto com os índios, bem como exploradores de palmito que trabalham para o Sr. Elizeu, da cidade de Nova Conquista/MT, que também praticavam roubo na Reserva.

Com todas essas ocorrências e devido ao conflito entre os Sararé e os índios da Associação, todos os madeireiros e peões que estavam no mato naquele local, abandonaram a Reserva, sendo que os índios ainda permanecem no local, vigiando as toras que estão derrubadas, sendo assistidos em alimentos pelo madeireiro chamado "MAGAL". Sendo que continua a exploração na Região da Piscina onde não existe a fiscalização dos índios.

Gostaria de salientar que, como já ocorreu outras vezes, o madeireiro "DÉDA", conhecido pelos seus métodos violentos com os servidores da FUNAI, ao ter seu caminhão apreendido por nós dentro da Reserva, ameaçou bater nos índios, somente se contendo quando o avisei que se isto ocorresse comunicaria a Polícia Federal que iria em seu encalço.

Atenciosamente,

*Maria do Carmo Rocha dos Santos*  
MARIA DO CARMO ROCHA DOS SANTOS

AUXILIAR DE ENFERMAGEM

Casa do Índio de Vilhena, 23 de maio de 1993.

Prezado povo indígena Nambiquara.

Nós Canoeiros, como companheiros na mesma situação, nas mesmas dificuldades, dificuldades causadas talvez até pela ganância de nossa juventude e que nos leva à nossa derrota na luta do dia-a-dia e na ação contra os brancos gananciosos que não têm o mínimo respeito com a nossa natureza e nossas florestas, que para nós representam nossa permanência e vida, achamos que não podemos destruir a nós mesmos. Temos que pensar no nosso futuro e sobrevivência em outras gerações.

Companheiros Nambiquara, nós Canoeiros estamos aqui passando na casa do índio em Vilhena e nós soubemos que os senhores estão vendendo as suas vidas para outro povo que sempre nos dominou, e agora está dominando o povo Nambiquara outra vez. Estamos falando do branco, que para nós é muito ganancioso. Isto é muito lamentável na opinião de nosso povo, nós achamos que o caminho não é este, procuramos outra forma de sobreviver na área da gente, sem destruir nossas florestas. Então companheiros, os senhores já pensaram um pouco em como será a vida de vocês e na vida das florestas que já foram destruídas em vossa área. Para nós índios tem de haver uma lei para toda comunidade indígena que quer vender madeira ou fazer o garimpo: vossa comunidade tem que em primeiro lugar consultar todo o povo Nambiquara e depois consultar o próprio Congresso Nacional para vender a madeira legalmente. A FUNAI mesmo poderá vos informar melhor sobre isto. De minha parte quero que vosso povo entenda tudo de melhor para vossa vivência na terra de vocês, que seus antepassados deixaram para vocês, e que vocês vão deixar para os seus filhos. Que Deus possa nos dar forças para vencer nesta hora difícil de nossas vidas, para vencermos os inimigos que estão tentando destruir nossos territórios tradicionais.

Olha, companheiros, eu gostaria de ver de perto a vossa área, mas o tempo não me permite. Também tenho que cuidar do meu povo que estão tão distantes daqui. Mas aqui eu deixo minha solidariedade ao povo Nambiquara. Eu sou presidente do Conselho do Povo Canoeiro e o meu nome é

Albano Mutzié

